



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 14 de Janeiro de 1981

A vida segundo o Espírito fundada na verdadeira liberdade

Caros Irmãos e Irmãs

1. São Paulo escreve na Carta aos Gálatas: "Vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Não tomeis, porém, a liberdade como pretexto para servir a carne. Pelo contrário, fazei-vos ser-vos uns dos outros pela caridade, pois toda a lei se encerra num preceito: amarás ao teu próximo como a ti mesmo" (*Gál 5, 13-14*). Há uma semana, detivemo-nos neste enunciado; todavia retomamo-lo hoje, em relação com o argumento principal das nossas reflexões.

Se bem que a passagem citada se refira primeiramente ao assunto da justificação, todavia o Apóstolo tende explicitamente aqui para fazer compreender a dimensão ética da contraposição "corpo-espírito", isto é, entre a vida segundo a carne, e a vida segundo o espírito. E exactamente aqui toca ele o ponto essencial, desvelando quase as mesmas raízes antropológicas do "ethos" evangélico. Se, de facto, "toda a Lei" (lei moral do Antigo Testamento) "encontra a sua plenitude" *no mandamento da caridade*, a dimensão do novo "ethos" evangélico não é senão apelo dirigido à *liberdade humana*, apelo à sua plena prática e, em certo sentido, à mais plena "utilização" da potencialidade do espírito humano.

2. Poderia parecer que Paulo contrapõe somente a liberdade à Lei e a Lei à liberdade. Todavia, uma análise aprofundada do texto demonstra que São Paulo na Carta aos Gálatas sublinha, primeiro que tudo, a subordinação ética da liberdade àquele elemento em que se completa toda a Lei, ou seja, ao amor, que é o conteúdo do maior mandamento do Evangelho. "*Cristo libertou-nos para que ficássemos livres*", exactamente no sentido em que Ele nos manifestou a subordinação

ética (e teológica) da liberdade à caridade e *relacionou a liberdade com o mandamento do amor*. Entender assim a vocação à liberdade ("Vós, irmãos, fostes chamados à liberdade": *Gál 5, 13*) significa configurar o "ethos", em que se realiza a vida "segundo o Espírito". Existe, de facto, também o perigo de entender a liberdade de modo erróneo, e Paulo aponta-o com clareza, escrevendo no mesmo contexto: "Não tomeis a liberdade como pretexto para servir a carne. Pelo contrário, fazei-vos servos uns dos outros pela caridade" (*ibid.*).

3. Por outras palavras: Paulo coloca-nos de sobreaviso a respeito da possibilidade de usarmos mal da liberdade, uso em contraste com a libertação do espírito humano realizada por Cristo, a qual contradiga a liberdade com que "Cristo nos libertou". De facto, Cristo realizou e manifestou a liberdade que encontra a plenitude na caridade, a liberdade graças à qual somos "servos uns dos outros"; por outras palavras: *a liberdade que se torna fonte de "obras" novas e de "vida" segundo o Espírito*. A antítese e, em certo modo, a negação de tal uso da liberdade dão-se quando ela se torna para o homem "pretexto para servir a carne". A liberdade torna-se, então fonte de "obras" e de "vida" segundo a carne. Deixa de ser a autêntica liberdade, para a qual "Cristo nos libertou" e torna-se "pretexto para servirmos a carne", fonte (ou instrumento) de um especial "jugo" por parte da soberba da vida, concupiscência dos olhos e da concupiscência da carne. Quem deste modo vive "*segundo a carne*", isto é, se sujeita — ainda que de modo não de todo consciente — à tríplice concupiscência, e em particular a concupiscência da carne, *deixa de ser capaz daquela liberdade* para a qual "Cristo nos libertou"; deixa também de ser idóneo para o *verdadeiro dom de si*, que é fruto e é expressão de tal liberdade. Deixa, além disso, de ser capaz daquele dom, que está organicamente relacionado com o significado sponsal do corpo humano, de que tratámos nas precedentes análises do Livro do Génesis (cf. *Gén 2, 23-25*).

4. Deste modo, a doutrina paulina acerca da pureza, doutrina em que encontramos o fiel e autêntico eco do Sermão da Montanha, consente-nos ver a "pureza do coração" evangélica e cristã, numa perspectiva mais ampla, e sobretudo permite-nos relacioná-la com a caridade em que toda "a lei encontra a sua plenitude". Paulo, de modo análogo ao usado por Cristo, conhece um significado duplo da "pureza" (e da "impureza"): sentido genérico e sentido específico. No primeiro caso, o "puro" tudo o que é moralmente bom; "impuro", pelo contrário, o que é moralmente mau. Afirmam-no com clareza as palavras de Cristo segundo Mateus 15, 18-20, citadas precedentemente. Nos enunciados de Paulo acerca das "obras da carne", que ele contrapõe ao "fruto do Espírito", encontramos a base para análogo modo de entender este problema. Entre as "obras da carne" Paulo *coloca o que é moralmente mau*, ao passo que *todo o bem moral* é relacionado com a vida "segundo o Espírito". Assim, uma das manifestações da vida "segundo o Espírito" o comportamento conforme àquela virtude, que Paulo, na Carta aos Gálatas, parece definir sobretudo indirectamente, mas ele que fala de modo directo *na primeira Carta aos Tessalonicenses*.

5. Nos trechos da Carta aos Gálatas, que já anteriormente submetemos a análise pormenorizada, o Apóstolo menciona, em primeiro lugar, entre as "obras da carne", "a prostituição, a impureza e a

desonestidade"; todavia, em seguida, quando a estas obras contrapõe "o fruto do Espírito" não fala directamente da "pureza", mas nomeia só o domínio de si", a *enkrateia*. Este "domínio" pode-se reconhecer como virtude que diz respeito à continência quanto a todos os desejos dos sentidos, sobretudo na esfera sexual; contrapõe-se, portanto, à "prostituição, à impureza e à desonestidade" e também à "embriaguez" e às "orgias". Poder-se-ia portanto admitir que o "domínio de si" paulino contém o que é expresso no termo "continência" ou "temperança", correspondente ao termo latino *temperantia*. Em tal caso, encontrar-nos-íamos diante do conhecido sistema das virtudes, que a teologia posterior, em particular a escolástica, irá buscar, em certo sentido, à ética de Aristóteles. Todavia, Paulo certamente não se serve, no seu texto, deste sistema. Dado que por "pureza" se deve entender o justo modo de tratar a esfera sexual segundo o estado pessoal (e não necessariamente um abster-se absoluto da vida sexual), então indubiamente tal "pureza" é incluída no conceito paulino de "domínio" ou *enkrateia*. Por isso, no âmbito do texto paulino encontramos uma genérica e indirecta menção da pureza, tanto quanto a tais "obras da carne", como "prostituição, impureza e desonestidade", o autor contrapõe "fruto do Espírito" — isto é, obras novas, em que se manifesta "a vida segundo o Espírito". Pode deduzir-se que uma destas obras novas é precisamente a "pureza": isto é, aquela que se contrapõe à "impureza" e também à "prostituição" e à "desonestidade".

6. Mas já na primeira Carta aos Tessalonicenses, Paulo escreve sobre este assunto de modo explícito e inequívoco. Lemos nela: "Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação: que eviteis a impureza, que cada um de vós saiba possuir o seu corpo [1] com santidade e honra, sem se deixar levar pelas paixões desregradas, como fazem os gentios que não conhecem a Deus" (1 Tess 4, 3-5). E depois: "Deus não nos chamou para a impureza, mas para a santidade. Quem desprezar esses preceitos, não despreza a um homem, mas a Deus que vos dá o Seu Espírito Santo" (1 Tess 4, 7-8). Embora ainda neste texto tenhamos de contar com o significado genérico da "pureza", identificada neste caso com a "santificação" (pois se nomeia a "impureza" como antítese da "santificação"), apesar disso; *todo* o contexto indica claramente *de que "pureza" ou de que "impureza" se trata, isto é em que consiste* o que Paulo chama aqui "impureza", e em que modo a "pureza" contribui para a "santificação" do homem.

E por isso, nas reflexões sucessivas, convirá retomar o texto da primeira Carta aos Tessalonicenses, agora mesmo citado.

Nota

[1] Sem entrar nas discussões particularizadas dos exegetas, é necessário todavia assinalar que a expressão grega *tò heauteû skeûos* pode referir-se também à esposa (cf. 1 Ped 3, 7).

Saudações

A duas peregrinações de Nápoles (Itália)

Uma afectuosa saudação aos peregrinos napolitanos das Paróquias de Santa Maria do Carmo e de Maria Santíssima Dolorosa, do bairro de Poggioreale, acompanhados dos seus beneméritos Párcos.

Caríssimos, sede bem-vindos! Conheço os grandes sofrimentos que o terremoto vos provocou, mas sei que a vossa fé é tenaz. Não vos rendais nunca às provas da vida. A vossa rica humanidade, unida a uma profunda adesão ao Senhor, poderá certamente fazer grandes coisas. E sabeis que o Papa vos ama e está convosco.

Com muito prazer benzo, ao mesmo tempo que vos abençoo e aqueles que vos são queridos, a estátua de Nossa Senhora do Carmo, a fim de que Maria Santíssima vos acompanhe todos os dias com maternal protecção.

A um grupo de voluntários italianos do Movimento dos Focolares

Saúdo também o grupo de voluntários italianos do Movimento dos Focolares que têm nestes dias o seu congresso anual sobre o tema: "A resposta do homem a Deus".

Meus queridos, no vosso ambiente de vida sois sempre testemunhas fiéis e generosas de Jesus Cristo e do seu Evangelho. As vossas ocupações quotidianas, longe de serem motivo de distracção, devem constituir quase a matéria-prima para uma sólida união com Deus, ao qual só se responde oferecendo-nos totalmente.

O meu paterno afecto vos acompanhe e seja dele penhor a Bênção que de coração vos concedo.

Aos Membros da Obra Redentora das Mercês

Dirijo particulares boas-vindas aos Religiosos Mercedários, às Religiosas Mercedárias e a todos os que fazem parte da Obra Redentora das Mercês, e que aqui vieram acompanhados pelo neo-Bispo D. Lucas Donnelly, que ordenei em São Pedro no passado dia 6 de Janeiro.

Caros Irmãos e Irmãs, ao mesmo tempo que vos saúdo vivamente, agradeço-vos também de coração tudo o que fizestes para a difusão do Novo Testamento nalguns países europeus que me são queridos. O Senhor recompense o vosso zelo e a vossa caridade eclesial, tirando deles frutos abundantes de renovada vida cristã.

E confio-vos todos à protecção de Nossa Senhora das Mercês, concedendo-vos ao mesmo tempo a minha paterna Bênção.

Aos Doentes

A luz que emana de Cristo, Verbo encarnado e adorado pelos Reis Magos, pode ser um dom também para vós, filhos e filhas doentes e parte verdadeiramente eleita desta Audiência. Se aquela luz, de facto, for acolhida, iluminará a vossa inteligência e torná-la-á mais idónea para compreender a função do sofrimento. Saber que Cristo sofreu desde que nasceu e que a Cruz o acompanhou, como lei inderrogável, desde o berço até ao Calvário, pode não só tornar mais suportável a vossa condição, mas ser até fonte de alegria, como nos Santos. Eles vos acompanhem sempre! Assim vos desejo com o amor do Senhor.

A peregrinos provenientes do Iraque

Saúdo com afecto e estima os membros das antigas comunidades Cristãs do Iraque, presentes nesta sala. Na segunda-feira passada, quando recebi o Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé, exprimia meu pesar e preocupação pela destruição, sofrimento e mortes causados pela guerra que envolve o vosso país. Desejo assegurar-vos agora a minha continua e fervorosa oração a fim de que estas desgraças possam terminar quanto antes. restaurando-se a paz. Deus vos conceda esta graça e permaneça sempre convosco.

A um grupo de jornalistas do "Catholic Journalist Club" do Japão

Apraz-me dar as boas-vindas ao grupo do "Catholic Journalist Club" do Japão que se encontra aqui com o seu Presidente Senhor Takao Tokuoka. Como bons profissionais dos *mass media*, viestes para preparar a visita que o Papa vai fazer ao vosso país no próximo mês, e poderdes assim informar melhor o vosso público acerca do Papa e da Santa Sé.

Peço-vos o favor de dizerdes ao vosso povo que aguardo impacientemente esta visita que me permitirá um contacto directo com a Comunidade Católica do Japão e também de apresentardes os meus cumprimentos a toda a população da vossa culta e dinâmica nação. Sayonara!

© Copyright 1981 - Libreria Editrice Vaticana